

## **Quem sou deixa marca – ou em prosa ou em verso**

**Jucimara Silva Rojas**

<http://lattes.cnpq.br/1651972293796814>

De repente, deparo-me frente a uma questão prática e, também, complexa. Não é simples desenvolver relações interpessoais. O outro tem uma mistura que às vezes, não conseguimos atingir. Quando digo “Quem sou deixa marca” estamos falando do sujeito – Ser, presente no contexto da vida.

Aquele que passa pelo ser social, buscando um elo entre o Eu e o Outro. Afinal, viver é conviver. Somos seres de relação e como tal dependemos das interações. No distanciamento, ficamos vulneráveis, incompletos e inacabados, pois somente há sentido se nos colocarmos como parte do universo, do todo. Um todo em prosa e verso no contexto da vida.

Assim trazemos à cena os conceitos de prosa e verso, no sentido do texto. A prosa é a forma que adotamos para escrever de maneira natural, expressando as ideias como surgem no nosso pensamento, sem precisar seguir regras que nos indicam à medida que devem ter as linhas que escrevemos, ou o ritmo das mesmas. Na prosa, por exemplo, as frases não têm necessariamente que rimar e, a escrita não há regras, como no caso do verso.

Já o verso é uma composição poética escrita, o qual considera a métrica das sílabas e o ritmo das frases. No verso, utilizam-se elementos como os acentos, as pausas ou o som similar das palavras para criar uma narração com rima.

Destarte, todo ser tem seu conceito, sua prosa, seu verso. Isso se mostra no rosto de cada indivíduo. Na sua expressividade. Dizemos daquilo que gostamos ou não, pelo nosso rosto, pelas nossas expressões ou mesmo pelo olhar. O rosto é nosso conceito. Então, a comunicabilidade se apresenta no sentido que cada ser dá ao relacionamento e as trocas. Nesse sentido, as parcerias são feitas pelo diálogo formal e diálogo informal.

No formal, as palavras sempre são prosas. Ritmadas...Essas palavras seguem um planejar e tem sujeitos determinados. Gestos e Gentilezas marcados pelo tempo-medida.

Sem dúvida, a gentileza é uma das atitudes mais fáceis de praticar, pois um simples gesto, tal qual um sorriso é capaz de iluminar o rosto de alguém e formar uma corrente que se espalha em muitos outros sorrisos e gentilezas.

Uma corrente do bem se mostra em Gentilezas pequenas, ações. Imediatas. Virtudes. Ações sutis, feitas para alguém que não precisamos, necessariamente, conhecer.

O diálogo informal, segue os sentimentos – verso, magia, percepção. Sensibilidades.... Gentilezas virtudes que são como sinais: apenas um sorriso. Um olhar. Um toque. Um gesto...

Então, o perceptivo se edifica. Assinala, como nos diz Merleau-Ponty (1996, p. 06),

[...] a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não "habita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo.

A percepção, na teoria fenomenológica é considerada parte fundamental do conhecimento humano e se realiza num campo perceptivo. Não há ilusões na percepção, ela é a relação entre as coisas e nós e nós e as coisas, uma relação possível já que as coisas são corpos e somos corporais.

A fenomenologia defende que se faz necessário, para vermos o mundo, suspender tudo o que, naturalmente, parece-nos óbvio para que possamos buscar a sua essência. Como estrutura fundamental do fenômeno, conforme Bicudo e Espósito (1997), a essência do mundo é o que vivemos, o que de fato ele é e o homem na fenomenologia é origem e fim, produto e produtor de seu próprio conhecimento, conhecimento que não é originário da experiência do outro ou do ambiente material e cultural que o cerca, mas sim da experiência do homem no mundo.

Na fenomenologia merleau-pontyana, o sentido do ser e do fenômeno, do perceber e do percebido não podem ser separados, pois ser e fenômeno, homem e mundo são indissociáveis. É nesse momento que a percepção é percebida no aspecto fenomenológico.

Diante do exposto, Meira (2003) afirma que a percepção, por meio de seus estudos, é vinculada à fenomenologia indo além com Merleau-Ponty, pois ele situa a percepção como solo da consciência, conhecimento que oferece o contexto cultural para os atos humanos. Dessa forma, a percepção fenomenológica revela-se em uma movimentação do conhecimento, na qual correlações de fenômenos, compreendidos e apreendidos no mundo, cifram sentidos, por exemplo, o sentido de um gesto que é diferente de uma soma de movimentos.

Assim, o sentido de um gesto é um fenômeno desvelado pelo ser que se dirige às interações dos diversos movimentos do corpo. É no intervalo das positivities do mundo, nas suas correlações que o fenômeno surge. Merleau-Ponty diz que a percepção deve ser integrada à dialética das ações e reações.

Assim, a “[...] percepção dirige-se não aos objetos em si mesmos ou às suas qualidades puras, calor, frio, branco, preto, mas sim, às realidades experienciadas com esses objetos ou qualidades” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 162-3).

Mesmo que se queira fazer da consciência o potencial organizador do mundo, nada ela pode dizer desse mundo sem fazer a experiência de estar imersa nele, pois

[...] o mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixarmos viver para nele penetrar. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 1).

Para Merleau-Ponty, o mundo não é apenas aquilo que penso, mas também o irrefletido, considerando que o mundo é aquilo que vemos. Atribui papel fundamental à atividade perceptiva no que diz respeito à relação entre sujeito e mundo. Portanto, mediante esta perspectiva, o corpo é concebido como sede da percepção. Para Merleau-Ponty, o corpo é justamente o meio pelo qual as coisas podem ser reconhecidas como são. Assim, a percepção é evidenciada na experiência estética, na experiência vivida, sentida.

Então, para sentir não é suficiente ver, tocar ou ouvir, é preciso que as qualidades sensíveis das coisas se apresentem ao nosso campo perceptivo sob condições exclusivas, inclusive ligadas à especificidade da nossa interação com eles, pois o mundo é muito mais do que nossos órgãos dos sentidos podem alcançar.

Para Rangel (2007, p. 59), a explicação para todo o processo perceptivo não está nas coisas visíveis, “[...] porque os olhos, como já sabemos, não podem ser concebidos como meros receptores, já que são movidos por uma intencionalidade”. Dessa forma Merleau-Ponty (1999) propõe um reaprendizado da visão enquanto percepção, mediante um perceber livre de pré-juízos, um perceber que

[...] no encontro com o percebido, faz eclodir a *verdade última*, que não é una, absoluta, nem transcendental, mas é compatível com a finitude da existência carnal humana, com os limites do seu corpo vivo, com a incessante e torrente metamorfose do real, com o inegável poder que exerce sobre nós tudo aquilo que se manifesta, e o igual poder que exercemos sobre tudo aquilo que nossos sentidos tocam - um enlace definitivo entre o perceber e o percebido - porque, na sensação, somos corpo e mundo num único instante.(RANGEL, 2007, p. 71).

Assim, para o entendimento e a vivência do processo perceptivo, Merleau-Ponty (1999) recomenda que mergulhemos no mundo, que desçamos em sua direção tal como é, que interroguemos o que em seu silêncio quer dizer.

Então, toda perceptividade do ser pode gerar uma Gentileza, desse ser para outrem. Ser gentil é sentir-se do bem. Gentileza é uma virtude que tem a ver com a cultura local, um protocolo social.

Pode ser percebida como qualidade do bem viver: ser gentil é ser sociável. Falar a verdade e se apresentar com sentimentos marcantes: Amizade. Amor. Sinceridade. Lealdade. Alegrias de vida.

Praticar o exercício do ser gentil é uma conquista da consciência e é uma conquista do conhecimento. Gostamos de dizer que ser gentil, deixa marcas. Sim, porque necessita de um conhecimento profundo da palavra no sentido simples, escrita e, da palavra, no sentido métrico,

regrada, versada. Tudo junto e misturado para mostrar-se evolutivo na maneira do bem fazer e dizer.

Quando falamos de gentilezas, pensamos em alguns tipos, as quais nomeio aqui:

- **Gentileza informativa ou superficial** – aquela que apenas mostra-se no automático do relacionar. Não marca. Flui no vento...
- **Gentileza interpretativa** – não mede esforços para ajudar outrem. Faz pelo ato de exercer o certo no momento que se pede. Pode ser planejada para tal. Logo, fria!
- **Gentileza qualitativa** – àquela que se mostra naturalmente no contexto do momento. A naturalidade gera o sentido simples de se colocar os sentimentos e esse flui no diálogo, como categoria marcante.

É o ser edificando o outro, numa elevação que atinge o processo emocional e perceptivo, gerando qualidades, expressas em atitudes – diálogo aberto, sincero, interdisciplinar.

Dessa maneira, asseveramos o conceito proposto por (FAZENDA, 2005, p.24) “[...] interdisciplinaridade é uma atitude, isto é, uma externalização de uma visão de mundo”. Para a autora essa atitude se expressa como habilidade para exercer trocas com outros, com os pares... Assim, as relações humanas são interdisciplinares ao promoverem o exercício das relações, a colaboração, a partilha de saberes e a parceria em Prosa e Verso, em pequenas gentilezas...

A intersubjetividade (princípio primeiro da parceria) é muito mais do que uma questão de troca, mas, que o segredo está na intenção da troca, na busca comum da transcendência. Aprendemos também o cuidado que precisamos ter com a palavra, esta tal como o gesto tem por significação o mundo, o importante é, pois, nos utilizarmos de boas metáforas, pois o sentido de *poiesis*, de totalidade que as mesmas contemplam, exercendo um poder de despertar não apenas o intelecto, mas o corpo todo. Quando adquirimos a compreensão da ambiguidade que o corpo contempla, adquirimos a capacidade de lidar com o outro, com o mundo, enfim, recuperamos o sentido da vida. (FAZENDA, 2001, p. 119).

Neste momento, é salutar trazermos a cena aspectos sobre a linguagem simbólica tal qual nos sugere Furlanetto (2001, p. 65), quando diz que “os símbolos revelam uma estrutura do mundo que não é evidente à experiência imediata, são multivalentes, capazes de exprimir inúmeros

significados que não se mostram à primeira vista”. Em sua particularidade o símbolo está posto, porém exige um olhar diferenciado por meio do qual o seu sentido oculto se desvela.

Ao observador o fenômeno surge e gradualmente, à medida que se exercita a *epochè*, se desnuda revelando a essência, o mesmo acontece com o símbolo que convida seu espectador a pensar e sentir. Entende-se que o símbolo tem a capacidade de transmitir conteúdos que vão além do que é visível, para Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 17):

O símbolo exprime o mundo percebido e vivido tal como o sujeito o experimenta, não em função de razão crítica e no nível de sua consciência, mas em função de todo o seu psiquismo, afetivo e representativo, principalmente no nível do inconsciente.

O símbolo assim compreendido possui um valor pessoal, que será definido de acordo com as vivências pessoais tanto cognitivas quanto afetivas de cada sujeito, ou seja, indivíduos diferentes darão significados distintos a um mesmo símbolo, pois este tem a capacidade de fazer emergir conteúdo do inconsciente pessoal. Ele transcende as definições, pois para que seu propósito se realize é necessário que o indivíduo que o analisa consiga decifrá-lo, uma vez que seu mistério será revelado a cada passo dado em direção à sua essência.

Há no símbolo um dinamismo próprio que revela o sentido mais profundo de seu significado e na esfera individual revela a razão de ser do próprio observador que ao perceber a essência, surge à sua frente a oportunidade de se transformar, em modificar aspectos de sua subjetividade antes desconhecidos de si mesmo, e assim o reintegra, conforme Furlanetto (2001), o símbolo é capaz de revelar, transformar e restaurar aquele que o percebe.

Para Jung (2008) os símbolos podem ser divididos em pessoais e culturais, os primeiros estão ligados a vivências individuais e sua relação com o inconsciente, enquanto os segundos referem-se aos símbolos utilizados por cada sociedade para transmitir “verdades eternas”, em ambos os casos, os símbolos ganham o seu dinamismo ao serem carregados de emoção.

O símbolo é rico em linguagem, seja ela abstrata no primeiro momento ou concreta quando sua essência se desnuda. Ele pode ser utilizado na comunicação de ideias e transmissão da sabedoria. Sabendo-se que uma característica do símbolo é ser pessoal, a linguagem simbólica

traduz as experiências íntimas como os sentimentos, pensamento e paixões por meio de imagens e símbolos que nos remetem ao mundo vivido.

Gostamos dessa parte entre prosa, verso e simbologias. Entre elas ajustamos a metáfora – ser gentil, deixa marca -. Essa metáfora diz da Gentileza simples e natural. Aquele que se abre para o sentimento entrar. Mostra-se e se desvela, reinventa-se, naturalmente. Próprio do ser que já desenvolve tal aspecto e sentido em si. O que dá valor ao tempo *Kairós*, da existência do ser. Ser, sendo, assim é!

Aqui, podemos expor os tempos *Khrónos* e *Kairós*. O primeiro refere-se ao tempo cronológico, o tempo físico, que pode ser medido, com um princípio e um fim. Por outro lado, o tempo *Kairós* é um tempo indeterminado, é o tempo metafísico em que algo especial acontece, é o tempo marcado com um "antes" e um "depois".

No âmbito de *Kairós*, há o tempo da oportunidade, aquele tempo não mensurável, não tangível, que não se pode acolher na concepção cronológica. O tempo da oportunidade não pode ser tocado, apenas vivido e aproveitado, ele apenas pode ser percebido e bem utilizado pelo sujeito que o expressa.

Vivendo há um ano e meio a Pandemia do COVID – 19, a velocidade e experiência do tempo vivido, depende de como estamos vivenciando toda essa situação de distanciamento social, esse “novo normal” como ouvimos recentemente. Situações como mudanças de rotina, atribuições, tarefas diárias, trabalho ou home office, refletem em nossa percepção sobre o tempo. Por exemplo, se houve uma mudança completa da rotina, a sensação é de que os dias estão passando muito rapidamente.

Então podemos afirmar que a situação da Pandemia de 2020, 2021 assim como outras experiências cotidianas, alteram nossa percepção de tempo, fazendo a passagem ser mais depressa ou lenta a depender de cada um.

Portanto, é preciso calma, paciência, cuidados com a nossa saúde mental que podem estar relacionados aos momentos em Prosa e Verso com família e amigos. Momentos esses que podem ocorrer por meio digital, pelos aplicativos de conversa instantânea ou chamadas de vídeo.

Anos de 2020, 2021 anos diferentes. Marcantes pelo processo de buscar-se saber viver e conviver, no horizonte das Gentilezas, perpassa o sentimento de generosidade. Assim o exercício do percebido é ainda maior - conceber o bem. Atitude de se fazer do Outro, nosso próprio Eu.

Destarte, sempre aprendendo... Aprendendo que o tempo vai além do calendário, vai pela eternidade, segue pelas veias da vida... Somos um sopro... Existir é algo divino! Ser feliz é ter amigos, também!

Aprendemos o quanto vale ver os olhos abrirem, o quanto vale o ar, o quanto vale o respirar... Aprendemos que queremos ser cuidados, que não temos toda a força...

Aprendemos a ouvir e que o silêncio vale mais que mil palavras. Aprendemos que queremos ser abraçados e que vamos correr atrás desse abraço.

Aprendemos que queremos fazer falta! Deixarmos saudade... Aprendemos que não sabemos esperar... que ninguém sabe.

Aprendemos que deixamos marcas por onde passamos – “Quem sou deixa marca” – e mesmo assim, não sabemos nada... Ou só sabemos que nada sabemos, como já dizia um filósofo.

A vida nos ensina, eleva e enleva. Embala-se naturalmente para quem souber aproveitar. Somos seres aprendentes. E o fato principal para tal aprendizagem está na sabedoria de saber usufruir daquilo que nos é dado, numa virtude do gentil, do modo de sermos e vivermos... Vivendo simplesmente o descoberto, o permitido...

Aprendemos ter humildade para sentir as coisas e gratidão para seguir em frente! Seguindo na vida pelo suporte muito poderoso da oração, no sentido daquele que tem fé. E assim querer aprender ainda mais, porque hoje, sabemos enterrar o relógio na areia e deixar rolar... Há desapego. O humano no Humano! Simples assim...

Ou em prosa, ou em verso, revelamo-nos na atitude do ser gentil que tudo pode, simplesmente.

## Referências

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (Org.). Joel Martins. **Um seminário avançado em fenomenologia**. São Paulo: EDUC/ PUCSP, 1997.

FAZENDA Ivani. **Construindo aspectos teóricos-metodológicos da pesquisa sobre interdisciplinaridade**. In mimeo, 2001.

FURLANETTO, E. C. A prática interdisciplinar. Educação e formação. **Revista do Congresso de Educação Continuada** – Pólo: 7 PEC-UNITAU. Taubaté : s/n:37-40, dez, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, M..**Conversas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.